

REMATE DE MALES

Campinas-SP, (36.2): pp. 653-656, jul./dez. 2016

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido*. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

Marcelo Moreschi

Em eventos acadêmicos, ouve-se com frequência certa pergunta, quando é incitada a discussão levada a cabo em *Para além das palavras*, de Anita Martins Rodrigues de Moraes: “mas afinal o que você quer pôr no lugar?”. A autora do livro responde à pergunta de forma sensata, substituindo-a por outra: “mas, afinal, que lugar é esse?”.

Não se trata, aqui ou ali, de questionar ou usurpar o lugar fundamental da obra de Antonio Candido na crítica e na teoria literárias brasileiras, nem, muito menos, de menosprezar ou desrespeitar o legado ou a trajetória desse intelectual decisivo do século passado. Trata-se, sim, de submeter tal obra a um escrutínio crítico à altura de sua importância. E tal escrutínio, para que possa ser realizado, por vezes exige algumas manobras exegéticas, argumentativas ou performativas que podem parecer indelicadas ou desrespeitosas para devotos, admiradores ou continuadores da obra do intelectual. O que, seja como for, apesar de ser o caso desta resenha, não é o caso do livro em questão, que trata de um problema bastante grave de forma muito calma e educada.

Em busca de compreender como a escrita do crítico constitui uma noção de representação, a autora realiza uma leitura atenta de nove textos fundamentais de Candido: os ensaios “Crítica e sociologia”, “A literatura e a vida social”, “Estímulos da criação literária”, “Literatura de dois gumes”, “Literatura e subdesenvolvimento” e “O direito à literatura”; e os livros

Formação da literatura brasileira, Os parceiros do rio Bonito e O método crítico de Sílvio Romero. Transcrevendo e sublinhando passagens, a autora faz várias perguntas a respeito delas, perguntas que de alguma forma têm relação com aquela a propósito do lugar supostamente em perigo. E, por meio de tal método, descobre que representação para Candido significa elaborar e transfigurar um real já previamente elaborado e transfigurado por um processo anterior ou simultâneo de ampliação dos domínios do Espírito. Apenas culturas já culturalmente elaboradas, por assim dizer, teriam o direito à representação por meio da literatura. No limite, seria a sofisticação do Espírito em luta contra a barbárie das formas humanas entregues à natureza aquilo que moveria a representação literária. Assim, as perguntas da autora transcendem a pergunta a propósito do lugar em perigo ocupado pela obra de Candido para de fato perguntar sobre o lugar que tal obra reserva para a literatura. Mais do que um lugar talvez uma etapa, uma etapa de um processo civilizatório de emancipação do Espírito numa via única de constituição do Humano e da Cultura.

O narrador de *Pierre Menard* dizia que a glória era um tipo de incompreensão e talvez a pior delas. No caso de Candido, o prestígio faz com que a adoção acrítica de seus textos os torne ilegíveis justamente por terem sido lidos demais – foge-se, com muita facilidade, dos pressupostos incômodos presentes neles, fingindo, por respeito, devoção ou comodismo, não ler o que afinal está escrito ali. O que faz a autora é simplesmente ler tais textos sem fingir que não os lê, e, com isso, mostra com todas as letras o óbvio que não se encara de frente: a centralidade e a sistematicidade no edifício teórico-crítico de Candido de um pensamento eurocêntrico e etapista. Tal pensamento partilha da crença em um progresso civilizador unidirecional e classifica culturas, letras e mentes como mais ou menos desenvolvidas em função de um único propósito a ser cumprido por elas. E sobretudo as mede todas com uma única régua de pretensão universalista, ainda que sutilmente capaz de distinguir nuances indesejáveis de barbárie na civilização e vice-versa. *Para além das palavras* demonstra como a célebre dialética local/universal dramatiza uma luta previsível, ainda que narrada de modo resvaladiço, entre natureza e cultura, constituindo um pensamento evolucionista *tout court* que ignora, inclusive, as propostas mais arejadas de uma antropologia todavia citada mas não compreendida pelo crítico (como sublinha Costa Lima no prefácio). Como se vê, há aqui muito material para alarde. E é no mínimo curioso pensar que Candido

tenha passado ileso pela febre denunciata dos estudos culturais e pós-coloniais em voga até há pouco.

Há matéria para denúncia certamente, mas *Para além das palavras* está longe de ser denunciata. Ao contrário, o evolucionismo que ao mesmo tempo se infiltra na obra de Candido e a edifica é apresentado de forma muito cuidadosa. Anita Martins Rodrigues de Moraes mostra como tal evolucionismo se distribui homogênea e sistematicamente em toda a obra do crítico, seja nos textos de teoria, crítica e história literárias, seja em seus textos de sociologia, o que talvez seja a grande contribuição do livro resenhado aqui. Na verdade, para o intelectual, algumas culturas, por não possuírem produção espiritual suficiente, só poderiam ser objeto das ciências sociais – a crítica e a história literárias seriam apenas um requinte para já requintados. A partir disso, entende-se melhor a proposta de uma sociologia da literatura ou de uma crítica literária também sociológica, proposta advogada com tanta ênfase pelo autor: crítica e sociologia devem andar juntas, avaliando a elaboração do externo no interno da obra porque se trata de mensurar sempre um processo civilizatório. Nessa perspectiva, a crítica só pode interpretar aquilo que a sociologia atesta: apenas dinâmicas sociais tidas como complexas são passíveis de literatura – para outras resta apenas a descrição das ciências sociais (ou daquilo que Candido entende por “ciências sociais”) ou, no máximo, a detecção do lugar residual das “manifestações literárias”. Crítica e sociologia devem ser fundidas para Candido porque ambas deveriam ser judicativas.

A partir disso, entendem-se também outras astúcias do crítico. A mais importante delas é a delegação estratégica de atos críticos de avaliação. Anita Moraes demonstra como o ato crítico é quase sempre deslizante em Candido – um discurso crítico indireto livre no qual os parâmetros de julgamento são tratados como se fossem provindos dos próprios objetos criticados, como se todos eles participassem deliberada e (apesar de muitas vezes) debilmente de um mesmo projeto literário e civilizatório, que é também o projeto do crítico: “quem escreve, contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional”, afirmava taxativamente a *Formação* e grande parte do que o crítico escreveu, como demonstra *Para além das palavras*. Todos escrevem pelos mesmos motivos, para trans-historicamente tornar humanos verdadeiramente humanos e humanos melhores do que outros. A literatura serve também para incutir harmonia e “disciplina mental” na barbárie dominante. Parece que não é apenas a lição da antropologia de Lévi-Strauss que Candido ignora.

No pensamento do crítico já estão vedadas de antemão as possibilidades abertas pelas experimentações artísticas do século XX (distantes de qualquer disciplina mental, pelo menos da forma entendida por ele), a posição cautelar de quem viu a barbárie cometida em nome da civilização e mesmo outras gramáticas historicamente específicas de “autor-obra-público”. Particularidades históricas, culturais e estéticas estranhas ao projeto civilizatório assumido pelo crítico são ignoradas quando não rasuradas.

Eu já chamei esse tipo de teoria de ontoepistemologia metaprescritiva, mas Anita Moraes não precisa de expressões grandiloquentes para mostrar apenas o que está ali. Está ali a dramatização de um lugar incômodo incorporado e ratificado pela própria obra crítica que o pretende remediar – o lugar do divórcio entre realidade nacional e cultura letrada a ser superado por uma luta civilizatória etapista da qual fazem parte, por dever cívico, espiritual e interpretativo, tanto as obras criticadas quanto o próprio crítico que julga em discurso indireto livre. E a pergunta do evento acadêmico pode, enfim, ser substituída por uma final: “esse lugar é de fato necessário ou desejável?”.